

A JORNADA DE THARMAS NA PRIMEIRA PARTE DE *THE FOUR ZOAS*, “NIGHT THE FIRST”

MAIARA ALMEIDA PORTO¹; JULIANA STEIL²

¹Universidade Federal de Pelotas – contatomaiaara@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianasteil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Mais conhecido por *Songs of Innocence and of Experience* e *The Marriage of Heaven and Hell*, o poeta, pintor e gravurista William Blake (1757-1827) escreveu uma série de poemas proféticos com temas recorrentes, geralmente propondo uma reconstrução de Jerusalém na Terra por meio da vitória da Imaginação sobre a Razão dominadora da vida vegetativa da humanidade. Entre as longas profecias da fase madura do autor, consideradas as de simbolismo mais complexo, está *The Four Zoas*. [Este trabalho utiliza o termo “símbolo” no sentido mais geral definido por Frye, 1971, p. 71: “any unit of any literary structure that can be isolated for critical attention”.]

O mais longo poema de Blake, *The Four Zoas*, inicialmente intitulado *Vala, or The Death and Judgement of the Eternal Man – A Dream of Nine Nights*, começou a ser escrito por volta de 1797. Nesta época, o artista cumpria uma encomenda de ilustrações para *Night Thoughts on Life, Death, and Immortality*, obra de Edward Young estruturada em nove seções ou “noites” (ERDMAN & MAGNO, 1987). Blake trabalhou em *The Four Zoas* durante aproximadamente dez anos, tendo abandonado o texto por volta de 1808 (ERDMAN, 1988, p. 817). O poema foi planejado para ser um livro iluminado à maneira de seus livros anteriores, mas permaneceu em manuscrito. Csikós (2003) argumenta que o livro, apesar de não ter sido finalizado, não ficou incompleto e não deve ser considerado um fragmento.

The Four Zoas divide-se em nove cantos ou “noites” e traz em torno de quatro mil versos; aparentemente, o autor pretendia reunir ou continuar nesta obra o universo simbólico desenvolvido nos seus demais livros. Frye (1990), embora se refira a esta profecia como uma obra-prima “abortada”, considera que “There is nothing like the colossal explosion of creative Power in the ninth Night of The Four Zoas anywhere else in English Poetry” (p. 304). A base do conteúdo deste manuscrito apresenta “Albion, the Eternal Man, as torn by sexual, psychological, and spiritual conflict personified by his four warring faculties the four Zoas, till he declares an end to the strife and recovers his lost harmony of spirit” (WARD, 2003, p. 26). De fato, o argumento básico do poema é o conflito entre as figuras simbólicas mencionadas no título, os Zoas – Tharmas, Urthona, Luvah e Urizen –, que são os quatro elementos de Albion (o Homem Universal, ou, em nível espiritual, a consciência humana original, que se tornou fragmentada após sua Queda), e suas respectivas Emanações.

Com a intenção de alcançar uma descrição inicial da gênese da narrativa de *The Four Zoas*, o objetivo deste trabalho é verificar o percurso narrativo de Tharmas na primeira noite do referido poema, utilizando como suporte teórico a teoria de Joseph Campbell (2005).

2. METODOLOGIA

Conforme sugerido há pouco, o mais longo poema de Blake apresenta, em princípio, o conflito entre quatro heróis – os quatro Zoas. Para verificar o percurso narrativo da personagem Tharmas na primeira noite de *The Four Zoas* (a edição do poema utilizada é a de Erdman, 1988), foi utilizado como instrumento de análise a teoria da jornada do herói, do antropólogo norte-americano Joseph Campbell. O diagrama a seguir (Figura 1) sintetiza o modelo teórico levado em conta na metodologia desta pesquisa:

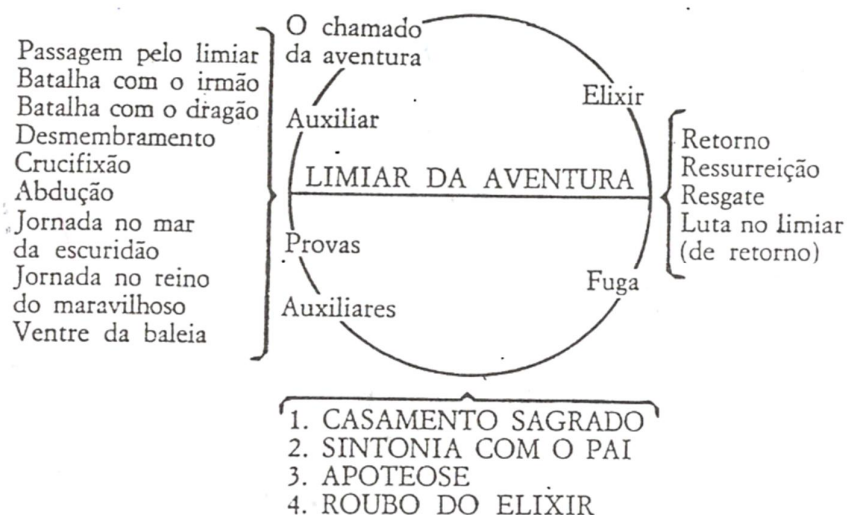


Figura 1: a jornada do herói (Campbell, 2005, p. 241)

Em *O Herói de Mil Faces*, Joseph Campbell busca identificar a estrutura fundamental de toda construção narrativa. Para o teórico, apesar de ser expressa nas mais diferentes formas, a narrativa sempre segue certas etapas-chave que podem ser descritas em formato cíclico, como indicado no diagrama (Figura 1). Campbell chama este ciclo recorrente nas narrativas de “monomito”. Além disso, o teórico vê a jornada empreendida no monomito como uma projeção do eu interior do herói, uma manifestação material do seu inconsciente, de sua força e de seus medos ocultos até então desconhecidos inclusive para ele mesmo, e, em razão disso, ele muito compara a ideia do mito com a do sonho. Para Campbell, o maior ganho de qualquer herói ao final de sua respectiva jornada seria a noção de superação de si mesmo, e, por consequência, o autoconhecimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Campbell (2005), o primeiro marco da jornada do herói seria o chamado à aventura. Esse é o momento em que o destino convoca o herói para sua jornada e coloca em seu caminho as diretrizes necessárias para que este saia de seu mundo comum e adentre o mundo especial. O herói pode tanto aceitar esse chamado, ingressando voluntariamente em sua jornada, como também pode recusá-lo. Caso o herói recuse o chamado à aventura, circunstâncias especiais ainda acabarão por forçá-lo no caminho que deve seguir. Nesse caso, a relutância do herói tende a causar-lhe ainda mais dificuldades, pois sua jornada se inicia e prossegue sob um aspecto negativo, já que o herói que optou por recusar ao chamado está seguindo o caminho da aventura contra a sua vontade.

Damon (1988, p. 399) observa que Tharmas representa os Sentidos e, consequentemente, o corpo físico; “His place is the Loins; his Emanation is Enion (...). He is a shepherd”. Ele é o herói predominante na primeira noite de *The Four Zoas*. Tharmas é o Zoa com quem inicia a queda do Homem Universal, como indicam os versos logo na invocação, no início do poema (ERDMAN, 1988, p. 301): “His fall into the Generation of Decay & Death & his Regeneration by the Resurrection from the dead / Begin with Tharmas Parent power. (...)”. A partir deste momento, Tharmas relata que acolheu e escondeu Jerusalém em seu peito, e que “The Men have recieved their death wounds & their Emanations are fled / To me for refuge (...)” (ERDMAN, 1988, p. 301). Assim, Tharmas deixa uma situação de equilíbrio espiritual em Álbion (mundo comum) e ingressa voluntariamente no mundo especial (de fragmentação e sofrimento) quando acolhe em si Jerusalém – emanção (contraparte feminina) de Álbion e noiva de Jesus –, e as emanções dos homens, que seriam Jerusalém em cada ser humano.

Para heróis que atenderam ao chamado, como seria o caso de Tharmas, logo em seguida haverá o momento do auxílio sobrenatural, que ocorre quando o herói encontra seu mentor. Esta figura representa não só o poder benigno e protetor do destino, mas também é quem fornecerá ao herói os amuletos que servirão para lhe proteger das forças que logo ele terá de enfrentar, e será também aquele que lhe auxiliará sempre que for necessário no decorrer de sua jornada. Na primeira noite, o papel de mentor parece ser desempenhado pelas Filhas de Beulá, que “follow sleepers in all their Dreams / Creating Spaces lest they fall into Eternal Death”; elas demonstram preocupação com a situação do Espectro de Tharmas e fecham o Portal da Língua (ERDMAN, 1988, p. 303), embora não haja literalmente um encontro entre eles. Beulá é um intermediário entre a Eternidade e o mundo material chamado Ulro, representando o Subconsciente, fonte de inspiração poética e sonhos (DAMON, pp. 42-43). As Filhas de Beulá supervisionam o desenvolvimento da primeira noite, embora sem dirigirem a palavra diretamente ao principal herói desta seção do poema.

Tharmas logo percebe o sofrimento que deriva da aceitação do chamado à aventura, seu impulso de guardar Jerusalém, especialmente quando entra em confronto com sua própria emanção, Enion. Este confronto pode ser identificado com o momento da jornada em que o herói cruza o primeiro limiar. O primeiro limiar é o marco que delimita a entrada do herói no mundo especial e seu primeiro encontro com o sobrenatural na forma daquele que chamamos de guardião do primeiro limiar, seu primeiro “inimigo” a ser derrotado.

Em Campbell (2005), após a vitória do herói sobre o guardião do primeiro limiar, ou o estabelecimento de um acordo do primeiro com este, é superada a primeira provação do herói, e desse ponto em diante se marca o início da longa e árdua fase de provações que o herói em questão necessitará enfrentar para completar sua jornada. Estas provações são as mais variadas, mas alguns dos exemplos mais comuns seriam os já vistos no diagrama (Figura 1): a batalha com o irmão; a batalha com o dragão; o desmembramento; a crucifixão; a abdução; a jornada no mar da escuridão; a jornada no reino do maravilhoso; o ventre da baleia. No caso da jornada de Tharmas, ocorre uma espécie de acordo entre o herói e Enion, sua contraparte feminina com quem está em situação de inimizade, pois Enion participa do instante que representa o limiar da queda propriamente dita (a grande provação a ser superada no poema), a cena em que Tharmas submerge no mar, intermediado pela trama tecida por Enion em seu tear de vegetação, que nove dias e nove noites depois completaria a forma do Círculo do Destino.

4. CONCLUSÕES

O estudo da primeira parte de *The Four Zoas*, “Night the First”, reconhece que a profecia de Blake apresenta uma narrativa complexa e difícil de abordar em termos convencionais. Damon (1988, p. 143) chama o estilo narrativo de Blake de “dream technique”, descrevendo-o como uma técnica que destrói o efeito de uma narrativa lógica e contínua.

Apesar das rupturas de continuidade típicas da narrativa profética de Blake, este trabalho sugere que é possível analisar o poema à luz da teoria de Campbell. No que se refere à narrativa de “Night the First”, observa-se que o primeiro canto de *The Four Zoas* traz uma pequena parte da jornada arquetípica identificada pelo teórico norte-americano, correspondendo ao início da aventura. Nesta aventura de uma das fases da queda do Homem Universal, Tharmas é o primeiro dos Zoas a deixar o mundo comum para entrar no mundo especial. Csikós (2003, p. 51) argumenta que é difícil definir qual dos Zoas provocou a desintegração de Albion, mas que Tharmas é o primeiro a sentir os efeitos da ruptura da unidade original. Assim, a queda dos sentidos e da unidade instintiva do corpo causa a queda dos outros Zoas, indicando o papel crucial dos sentidos para o equilíbrio do funcionamento mental (Csikós, 2003, p. 52) de Albion.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- CSIKÓS, Dóra Janzer. **“Four Mighty Ones Are in Every Man”** – The Development of the Fourfold in Blake. Budapest: Akadémiai Kiadó, 2003.
- DAMON, Samuel Foster. **A Blake Dictionary** – The Ideas and Symbols of William Blake. Revised Edition with a new foreword and annotated bibliography by Morris Eaves. Hanover / London: University Press of New England, 1988.
- ERDMAN, David V. **The Complete Poetry & Prose of William Blake**. Newly revised edition. New York / London / Toronto / Sydney / Auckland: Anchor Books, 1988.
- FRYE, Northrop. **Anatomy of Criticism**. Princeton: Princeton University Press, 1971.
- FRYE, _____. **Fearful Symmetry** – A Study of William Blake. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- ERDMAN, David V.; MAGNO, Cettina Tramontano (eds). **The Four Zoas: A Photographic Facsimile of the Manuscript with Commentary on the Illuminations**. Lewisburg / London and Cranbury: Bucknell University Press / Associated University Presses, 1987.
- WARD, Aileen. William Blake and his circle. In: EAVES, Morris (ed.). *The Cambridge Companion to William Blake*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.